

Mediações pedagógicas em uma biblioteca pública escolar de Manguinhos

RESUMO

Este estudo teve como foco as mediações pedagógicas utilizadas por professores de diversas áreas e a bibliotecária no espaço da biblioteca de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro e se articula com o desafio de motivar e atrair o aluno para o que é ensinado em sala de aula e estimular os professores a pôr em prática técnicas e ferramentas diferenciadas do cotidiano para motivar seus alunos. Nesse contexto, buscamos analisar se esse espaço se apresenta como um potencial de articulação dos conteúdos trabalhados em sala de aula, do ensino fundamental e as possibilidades de construir experiências de aprendizagem do conhecimento científico no contexto de vulnerabilidade social e, assim, poder contribuir para uma educação emancipadora. As mediações na biblioteca utilizaram o acervo e o espaço disponíveis na escola, estimuladas pela leitura de obras literárias dos mais diversos gêneros e da produção de textos e atividades realizadas pelos alunos. É um estudo que se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-formação ou participante, com o uso de diário de campo obtido por meio das observações das atividades realizadas na biblioteca durante o ano de 2017. Por meio de resultados preliminares, podemos sintetizar que a biblioteca se apresenta como um local de excelência dentro da escola, seja para estudar, como local de ação cultural ou espaço potencial para os professores utilizarem em suas práticas pedagógicas, como extensão da sala de aula, embora haja fragilidades e obstáculos.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca pública escolar. Educação (Estudo e ensino). Mediação.

Sabrina Lino Pinto

brinevix@gmail.com

orcid.org/0000-0002-8363-0328

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Sônia Cristina Vermelho

cristina.vermelho@gmail.com

orcid.org/0000-0003-2205-8070

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

INTRODUÇÃO

A qualidade da educação científica no nível básico da rede pública brasileira é um assunto de extrema preocupação, em especial para os jovens das famílias de mais baixa renda que, de acordo com o relatório da Academia Brasileira de Ciências, são os mais deficitários, apresentando um nível educacional muito abaixo do necessário para se inserirem no ensino superior (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2007). Essa questão perpassa pela problemática da relação do aluno com seu contexto, havendo necessidade de uma reflexão estreitamente ligada ao fato de que “[...] os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais, constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultural etc., por um lado, e por outro, como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos” (ARRUDA, 2002, p. 128).

Esse cenário nos mostra a complexidade do problema da educação no Brasil. A sociedade dita da informação possui um grande volume de informações e a velocidade com que são veiculadas, e o uso das tecnologias da informação e da comunicação ganhou espaço na educação e atenção por parte dos órgãos governamentais. Todavia, o atual cenário da educação pública brasileira defronta-se, de um lado, com a necessidade da inserção dessas tecnologias na sala de aula, e, por outro, com o diagnóstico situacional das escolas, marcadamente deficitária de infraestrutura física e financeira, conforme aponta o Plano Nacional de Educação 2011-2020 (BRASIL, 2010a). Mas, como fazer isso, com pouca infraestrutura aliada a um contexto de vulnerabilidade social? Como lidar com a complexidade interna e externa à escola? Existe caminhos alternativos, se existe, quais são? Uma alternativa, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013, p. 116), seria planejar e desenvolver as aulas aliadas aos conteúdos curriculares, com atividades “de modo que os alunos possam sentir prazer na leitura de um livro, na identificação do jogo de sombra e luz de uma pintura, na beleza da paisagem, na preparação de um trabalho sobre a descoberta da luz elétrica”, no conhecimento sobre a estrutura e os cuidados com o seu corpo, “na pesquisa sobre os vestígios dos homens primitivos na América e de sentirem o estranhamento ante as expressões de injustiça social e de agressão ao meio ambiente”.

Desse modo, um dos grandes desafios para o (a) professor (a) na atualidade encontra-se em despertar o interesse do estudante para aprender e dar sentido ao que é aprendido na escola. Apesar de todas as dificuldades em termos de infraestrutura física, de trabalho e de incentivo profissional e financeiro, o profissional busca meios para estimular o educando para a busca do conhecimento, e fazer deste um significado para a formação dos seus valores, e dessa forma, fazer uma educação com qualidade.

Na escola em que a pesquisa está sendo realizada, nos deparamos com alunos e alunas adolescentes e jovens que demonstraram nos seus olhares a falta do brilho, o que pode refletir a ausência de perspectiva para a vida, sem o interesse pelo aprender, sem encontrar o porquê do aprender. Estes aspectos não podem ser desconsiderados do ponto de vista da abordagem dos conteúdos programáticos para o ensino fundamental, conforme salientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB) (BRASIL, 2013). Tal desmotivação me causou angústias e me motivou a encontrar respostas e possíveis estratégias que possam contribuir para uma mudança desse quadro.

Nessa perspectiva, esta pesquisa se propõe a investigar o interesse dos alunos do ensino fundamental e as mediações pedagógicas utilizadas por professores e a bibliotecária no espaço da biblioteca de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro. Centramos a análise para compreender se essa articulação com os conteúdos trabalhados em sala de aula se evidencia como um recurso potencial para a construção do conhecimento científico visando contribuir para uma educação emancipadora num contexto de vulnerabilidade social. Essas mediações na biblioteca utilizaram como material de trabalho o seu acervo e o seu espaço, estimuladas pela leitura de obras literárias dos mais diversos gêneros e da produção de textos e atividades realizadas pelos alunos.

O presente trabalho é parte de uma pesquisa longitudinal que está sendo desenvolvida em um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) localizado na favela de Manguinhos na cidade do Rio de Janeiro, cujos trabalhos com atividades na biblioteca foram iniciados em 2017. Manguinhos foi delimitado como bairro por meio do decreto de 12 de agosto de 1988. Está localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, às margens da Baía de Guanabara e, como o próprio nome diz, era uma grande região alagadiça. Atualmente, ocupa uma área situada entre a Avenida Brasil, a Avenida dos Democráticos, a Linha Amarela e o Ramal da Linha Ferroviária de Minério do Arará, cortada pelos rios Faria Timbó, Jacaré e Canal do Cunha, pela rua Leopoldo Bulhões e a linha de ferro do ramal Saracuruna, ligando o centro da cidade à Região Metropolitana do Rio de Janeiro (TRINDADE, 2013).

Com a construção de novos conjuntos habitacionais no início do século XXI, o bairro sentiu impactos estruturais e nas relações de poder e sociais, que de um lado se externavam nas conquistas da melhoria de vida, com o recebimento de indenizações das antigas habitações e do aluguel social, porém, de outro, houve aumento da insegurança e da instabilidade, manifestadas pela existência provável do tráfico de influências e de traficantes de drogas e de milicianos (FERNANDES; COSTA, 2013). Manguinhos é caracterizado como um território em situação de vulnerabilidade social em que seus moradores, em especial as crianças, sofrem tanto com a carência de recursos materiais como com a carência afetiva, sendo, muitas vezes, oprimidos e marginalizados, além, de sofrerem com o contato constante com a violência que resulta em traumas, perdas e medo. Todo esse contexto, agrupado com a cultura, hábitos e costumes desse grupo, é considerado como fator de impacto neste estudo.

AS CONTRIBUIÇÕES DA BIBLIOTECA E DA LEITURA NO ENSINO

Ao contrário de como é comumente conhecida, a biblioteca não é somente um espaço onde são armazenados livros. Desde sua origem, ou seja, durante a Antiguidade, quando se tem os primeiros registros da existência de uma biblioteca, ela era um local onde se armazenava informação em diversos suportes, materiais e formatos desenvolvidos de acordo com a tecnologia. Já na época contemporânea, marcada pela explosão bibliográfica, a biblioteca passou por algumas transformações, impulsionada pelo estabelecimento da ciência moderna que acarretou na expansão e rapidez de produção das literaturas e documentos científicos, tornando-a comum a todas as áreas do conhecimento, não assumindo mais a função principal de guarda, mas de viabilizar o acesso à informação (SANTA ANNA, 2015).

A história da existência das bibliotecas é marcada pela destruição tanto de seus prédios como de suas coleções, como aconteceu, só para citar alguns exemplos, em Alexandria no século I a.C., na China com o ditador Qin Shi Huang no século III a.C., com as Casas da Vida, assim belamente nomeadas as bibliotecas no antigo Egito no século XIII a. C, na Santa Inquisição durante a Idade Média, com a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, que foi incendiada na Guerra de 1812 pelo alto comando britânico e, mais recentemente em 1992, a Biblioteca Nacional de Sarajevo também incendiada (DESEQUILÍBRIOS, 2015; DE TRAS DE LA BIBLIOTECA, 2015). Entrementes, na maioria dos casos, as bibliotecas não têm um valor estratégico e, portanto, não constituem objetivos militares, mas, por serem símbolos da identidade dos povos, sua destruição e de suas coleções tem como propósito abolir essa identidade e impedir o acesso à cultura da sociedade atacada. Esse fato comprova a existência do desprezo fanático pelos livros e pelo conhecimento, transparecendo a doutrinal ganância imposta de que as teorias adequadas e favoráveis com seus ideais são as únicas admissíveis e de que a conquista gananciosa, muitas vezes, destrutiva, não se dá bem com a cultura. Não obstante, coleções e edifícios de algumas bibliotecas conseguem se reconstruir e continuam a prestar um serviço necessário e de qualidade à sociedade (DE TRAS DE LA BIBLIOTECA, 2015).

Podemos então concluir que, desde a antiguidade, a biblioteca sempre significou um lugar potencialmente perigoso e ameaçador para os opressores e tiranos, que causavam a destruição dos acervos como estratégia de subjugação dos povos. Assim também se deu com os códices Aztecas, Maias e Toltecas, ancestrais latinos, que foram destruídos deliberadamente para apagar memórias e gerar condições para a opressão. Nada diferente, em termos de lógica e afinidade entre os opressores do governo brasileiro que há décadas negligencia a escola pública. Acerca disso, em outubro de 2017 o Movimento Todos pela Educação realizou um levantamento que apontou que, para que seja cumprida a determinação da Lei 12.244, de maio de 2010 (BRASIL, 2010) da obrigatoriedade da existência de um acervo de pelo menos um livro por aluno em cada instituição de ensino do País em redes públicas e privadas, é necessário que 81 bibliotecas sejam construídas por dia até o ano de 2020 (GLOBO.COM, 2017). É exigência também dessa lei que haja pelo menos um bibliotecário em cada biblioteca, algo que está longe de acontecer e acaba por expor ainda mais que a educação não é prioridade aqui no país.

A profissão de bibliotecário é quase sempre associada, erroneamente, a um profissional que atua somente dentro de uma biblioteca escolar, estando ali naquele espaço para servir como guardião de livros. Não obstante, a realidade é bem mais positiva. Esse profissional da informação tem alargado seu campo de atuação e tem atuado em centros de informação cada vez mais especializados. De acordo com Fonseca (1992, p. 60), compete ao bibliotecário “orientar usuários, fornecendo-lhes a informação que seja do interesse de cada um”, podendo sugerir criticamente na seleção do acervo, pois “é o profissional que tem contato com os leitores, conhece seus gostos, interesses e necessidades”, trabalhando, assim, em parceria com os professores (CALDIN, 2005).

O bibliotecário, embora esteja ligado à parte administrativa de uma instituição, tem prestado um valioso serviço à educação. Alguns autores (CALDIN, 2005; CUNHA, 2003) defendem o fato de que ele também é um educador, visto que, sendo “uma das funções da biblioteca escolar ensinar o aluno a pensar” é,

portanto, sua função também ensiná-los a “refletir e questionar os saberes registrados – verificar a pertinência, validade, aplicabilidade das ideias contidas nos livros” “possibilitem a todos os estudantes o acesso ao conhecimento registrado. [...] O bibliotecário tem de largar seu papel passivo, de mero processador técnico de livros e desempenhar um papel ativo: agente de mudanças sociais” (CALDIN, 2005).

Desde meados do século passado, algumas invenções tecnológicas, como o rádio, a televisão e o computador, fizeram com que as pessoas reduzissem ou até abandonassem o hábito da leitura e a frequência às bibliotecas. Embora sejam inventos que beneficiem à população de modo geral, informando e entretendo, há por trás o funcionamento de um processo social que se legitima segundo a lógica da “indústria cultural”, concebida em meados do século passado por Adorno e Horkheimer (1947). Esse conceito busca explicar que a cultura está massificada pela lógica do capital, impondo padrões, hábitos e gostos sustentados pelo consumismo, conforme uma ideologia que torna as pessoas cada vez mais acríticas, incapazes de resistirem ao que é imposto, pelo contrário, elas são levadas a se ajustarem a esses novos padrões, resultando na sua disseminação e na não realização do indivíduo autônomo (VERMELHO, 2003).

Há também o surgimento da internet, já no nosso século, que facilitou as pesquisas e alargou o acesso às informações e documentos como nunca antes e levou os usuários a frequentarem menos as bibliotecas. Com isso, foi necessária uma diversificação das competências do profissional bibliotecário e dos serviços oferecidos pelas bibliotecas, por meio da superação dos paradigmas ditos tradicionais, que tiveram que se aliar à tecnologia para atender os anseios de seus usuários.

No que tange em relação à leitura, é digno de nota destacarmos que o Brasil é um país de poucos leitores. Alguns autores (SILVA, 1985; ZILBERMAN, 2010) afirmam que o desinteresse pela leitura é um problema que se arrasta por décadas e se tornou um assunto que ganhou a atenção de estudiosos e pesquisadores a partir da década de 70 do século passado. Muitas crianças e adolescentes não adquirem o gosto pela leitura porque, na maioria das vezes, não herdaram dos pais ou responsáveis esse hábito, ficando sem o exemplo no espaço familiar, o que tendencialmente pode fazer com que se tornem adultos que não leem também.

A escola, como instituição formadora, também lhe cabe essa função, porém, como indicam algumas pesquisas, também sem sucesso, tendo em vista principalmente pela forma como ela apresenta a leitura para as crianças. Na maioria dos casos, os livros são impostos e o assunto ou tema estão longe de ser atrativos para os alunos, se tornando um processo apático ou monótono que causa rejeição e sem nenhum encantamento ou afetividade pela leitura (CORTELLA, 2016). Outros fatores que também podem desencadear o desinteresse pela leitura são a falta de tempo e a dificuldade que muitos sentem com o próprio ato de ler, tornando-se uma atividade cansativa, resultando em leituras e escritas fragmentadas e rápidas (FAILLA, 2016).

Também devemos considerar outro aspecto que contribui para o desinteresse do ato de ler é o audiovisual. A televisão, por exemplo, para uma boa parcela da população, faz parte da rotina diária da criança e a acompanha durante todo o seu crescimento. São horas e horas de entretenimento em frente à tela, colorida, ágil, interessante, que encanta e está disponível num simples ato de apertar o botão de

liga-desliga. Segundo Milanesi (2002), a televisão ocupa o tempo da leitura e com o seu poder e à sua maneira, ela forma e informa. Diferentemente do livro, a televisão articula som, imagem e texto ao mesmo tempo em que um fato acontece e se torna notícia. Como o seu uso não demanda qualquer dificuldade e já traz a informação pronta sem necessidade de reflexão e pensamento, ela toma o lugar da leitura. Acerca disso, Silva (1985, p. 62) afirma que isso é um problema que atinge a sociedade como um todo, ao qual, ele chama de “processo de imbecilização imposto de cima para baixo através de uma política que semeia a ignorância, a alienação e a irracionalidade”. Neste mesmo sentido, na primeira metade do século XX, o pensamento de Adorno e Horkheimer (1947) já atestavam essa afirmação quando diziam que

O prazer acaba por se congelar no aborrecimento, porquanto, para continuar a ser um prazer, não deve mais exigir esforço e, por isso, tem de se mover rigorosamente nos trilhos gastos das associações habituais. O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento – mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 64-65).

Ou seja, a televisão, e o audiovisual em geral, tem uma capacidade intrínseca (mas não obrigatória) de não promover a reflexão, a imaginação e pensamentos complexos. Ainda segundo Silva (1985), a leitura em nosso país passa por uma crise antiga que não está vinculada somente à presença e à influência da televisão, mas que está inserida na crise socioeconômica, tendo duas causas: “1ª. da participação desigual das classes sociais no que tange ao acesso e à fruição dos conhecimentos veiculados pela escrita e 2ª. das formas arbitrárias e fetichizadas de se conceber e de se produzir a leitura” (SILVA, 1985, p. 43-44).

Dessa forma, o desinteresse pela leitura ou a sua crise está relacionada às condições de sua produção e promoção na sociedade, como a criação de programas e políticas públicas que promovam o acesso aos livros e ao hábito da leitura, sendo ainda privilégio de poucos e estando a serviço da ideologia dominante. Além da força da mídia que estimula hábitos e valores desconectados da leitura como algo prazeroso e necessário, a escola acaba por sacralizá-la, com imposições e regras que atua na formação do leitor desde a infância.

Por conseguinte, a leitura auxilia a formação, contribui para o desempenho escolar e é uma fonte de lazer e prazer, que oferece oportunidades para o exercício da capacidade de compreensão e aquisição de conhecimentos das situações do cotidiano. Também, estimula a imaginação, a sensibilidade, a curiosidade, a capacidade crítica e o senso estético, contribuindo para melhorar a compreensão do mundo e de si mesmo, para o enriquecimento cultural e para o convívio social e interação com o mundo (PALCHA; OLIVEIRA, 2014; PIASSI, 2007; SILOCHI, 2014; SANTOS, 2013).

O ato de ler, de acordo com Silochi (2014) desempenha uma função vital no desenvolvimento do intelecto e da língua, além de oportunizar diferentes leituras de mundo. A leitura é um veículo de comunicação universal e de informações, podendo propiciar ao aluno o alcance da compreensão sociocultural da ciência na contemporaneidade e de informações científicas, tecnológicas e literárias

(PALCHA; OLIVEIRA, 2014; SILOCHI, 2014). Também, a leitura é uma fonte de lazer e prazer, bem como pode estimular a imaginação e a criatividade

As bibliotecas escolares, que seriam um instrumento de mediação ao hábito da leitura, são, todavia, muito pouco utilizadas e tem caído cada vez mais em desuso, seja pelos alunos, seja pelos próprios professores que acabam por não indicarem livros aos alunos. Conforme dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (CANÔNICA, 2016) mostrou que 18% dos professores não indicam livros. Pode parecer um número baixo, mas não é, se considerarmos o professor como um incentivador fundamental para a leitura. Então, é preciso que estes também sejam “leitores para compartilhar e indicar suas aventuras pela ficção com os alunos das escolas e das universidades” (CANÔNICA, 2016, p. 82).

Talvez, esse modelo de biblioteca escolar como conhecemos hoje, tão cheio de deficiências, já não funciona mais. Ligado a isso, o avanço das tecnologias que tornou o acesso a informação e a literatura mais facilitado, pode estar afastando ainda mais as pessoas das bibliotecas, em especial as escolares, visto que tornou possível a realização das pesquisas educacionais sem a necessidade de ir até uma biblioteca.

Todavia, diante o exposto, não se pode negar o fato de que hábito da leitura, seja na sala de aula ou nas bibliotecas das escolas, é essencial para a formação do leitor e para a formação escolar de qualidade. Nesse contexto, a biblioteca, embora preserve a função de dar acesso às informações, é também um espaço que promove a mediação da produção do conhecimento, estimulando, pelo hábito da leitura, a autonomia dos alunos, o contato com outras realidades e com a cultura e a linguagem científica.

MÉTODOS

O objetivo deste estudo é investigar o uso da biblioteca como alternativa metodológica nas turmas de ensino fundamental de um CIEP durante as aulas e refletir sobre sua capacidade de estimular o interesse e o pensamento crítico dos estudantes frente a diversos materiais midiáticos e tecnológicos no ensino de ciências. Tal proposta está aliada ao reconhecimento da importância do hábito da leitura como prática social que influencia a formação, em especial na articulação da linguagem literária aos conteúdos científicos, reconhecendo que essa articulação pode se apresentar como uma prática que auxilie os professores no processo de ensino-aprendizagem no espaço da biblioteca, para motivar os alunos para aprender, estimulando a crítica e a contextualização.

Nossa pesquisa de cunho qualitativo se caracteriza como Pesquisa Participante, do tipo pesquisa-formação, na qual, os aspectos subjetivos da experiência e do comportamento humano recebem mais atenção e, por isso, várias incursões no território educativo foram feitas com o propósito de se conhecer e acompanhar o cotidiano da escola e dos alunos e professores.

Tomou-se o cuidado de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa que foram os alunos e professores do ensino fundamental regular de um CIEP da cidade do Rio de Janeiro, caracterizados em situação de vulnerabilidade social e que estão em constante contato com a violência. Por isso, esse contexto, juntamente com a cultura desse grupo, a qual envolve suas realidades, hábitos e costumes, foi

considerado como fator de impacto durante o estudo. O grupo de alunos se compunha daqueles que eram conduzidos pelos professores durante o momento das aulas e de um grupo que retornava no contra turno. No caso dos professores, apesar de todo o corpo docente ter sido convidado, somente 3 (três) deles, das áreas de língua portuguesa, história e ciências, se ofereceram voluntariamente para desenvolver atividades no espaço da biblioteca.

Portanto, desse grupo, o total de alunos das três turmas que frequentaram a biblioteca foi de 95 (noventa e cinco), assim divididos: 42 (quarenta e dois) da turma 1701 que era levada pelo professor de Ciências, 39 (trinta e nove) da turma 1901 que era acompanhada pela professora de Língua Portuguesa e 14 (catorze) alunos da turma 8002 que eram levados pela professora de História. No caso do grupo de alunos que frequentou a biblioteca no contra turno, haviam 5 (cinco) que retornavam com mais regularidade à biblioteca no período da tarde às terças-feiras para realizar atividades diversas acompanhados pela pesquisadora, entre elas, atividades de leitura.

O diário de campo foi produzido entre os meses de março a novembro de 2017 e se compõe por 39 (trinta e nove) relatos, os quais, descrevem as atividades, as experiências, as apreensões e impressões por parte dos alunos e as dificuldades surgiram durante a execução da pesquisa, com base nas reflexões pessoais da pesquisadora a partir das suas observações em campo. Para garantir a fidedignidade na coleta dos dados, esses relatos foram feitos durante ou imediatamente após as aulas e as intervenções na biblioteca, sendo que alguns momentos foram registrados com fotos ou filmagens.

Recorreu-se ao software *Atlas.Ti* versão 6.0, utilizado em pesquisas qualitativas para análise de dados qualitativos, para realizar a análise dos relatos do diário de campo. Na primeira etapa foram criadas as categorias condizentes com o objetivo da pesquisa. Na etapa seguinte foi realizada a leitura de trechos selecionados dos relatos para relacioná-los e organizá-los nas categorias, no intuito de revelar a incidência dessas categorias e também para procedermos à análise de conteúdo de acordo com Bardin (2009) e relacionarmos os dados aos referenciais teóricos. Foram criadas categorias relacionadas às ações sobre os alunos oriundas tanto dos professores como da bibliotecária, que foi a pesquisadora em campo, sendo que as realidades interna e externa da escola que impactaram na execução da pesquisa não foram desconsideradas. Assim sendo, as categorias criadas foram: Estratégias de atuação pela bibliotecária pesquisadora, Estratégias de atuação pelos professores e Motivação para a leitura.

Por fim, nos cabe informar que a presente investigação é parte de uma pesquisa longitudinal intitulada “Educação em Ciências: estudo das mediações com jovens em situação de vulnerabilidade social”, que é desenvolvida em uma escola municipal de ensino fundamental na cidade do Rio de Janeiro pelo Grupo de Pesquisa Formação, Política e Trabalho Humano na perspectiva das Teorias Críticas, a qual foi aprovada pelo comitê de ética em 14 de setembro de 2016, sob o número do parecer 1.727.090.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de descrevermos os resultados apurados, julgamos necessário fazer uma breve descrição da situação em que se encontrava a biblioteca previamente

à pesquisa. Realizamos, no fim do ano letivo de 2016, nossos primeiros contatos e visitas informais na escola e conseguimos apurar que os professores não estavam fazendo uso do acervo e do espaço da biblioteca, nem para pesquisa e estudo, tampouco para outras atividades educativas, culturais ou artísticas, cujas ações consideramos como integrantes do processo de formação dos alunos. Tivemos a informação também de que a leitura era um problema a ser resolvido e, por meio de uma conversa com o Diretor da escola, ficamos sabendo que estavam sendo planejadas intervenções no espaço, por meio da manutenção, limpeza e arrumação do espaço, para que em breve voltasse a ser utilizada como espaço de leitura e complementação dos estudos dos alunos.

Nosso primeiro passo então, com o início do ano letivo de 2017, referente à realização da pesquisa, foi propor formalmente à direção da escola a realização de atividades na biblioteca da escola durante as aulas, com a participação de professores, mas, com condução feita pela pesquisadora no intuito de articular a linguagem literária com a linguagem científica e analisar o comportamento e o desempenho desses alunos frente aos conteúdos curriculares desenvolvidos. Tais atividades foram planejadas em parceria com os professores de ciências, de língua portuguesa e de história e foram conduzidas de acordo com os conteúdos curriculares e com os materiais existentes no acervo da escola. Os planejamentos foram elaborados inicialmente pela pesquisadora, após conversa com cada educador (a) que sugeriu os conteúdos e atividades que poderiam ser trabalhados pelo período possível diante do contexto da escola, o qual, com frequência, suspendia atividades por conta da violência entre o tráfico e o Estado.

Diante dessa realidade, procedemos com a reabertura da biblioteca, mesmo sem o apoio da gestão. Toda a limpeza do espaço e organização dos livros e materiais existentes na Sala de leitura foram realizadas pelo Grupo de Pesquisa Formação, Política e Trabalho Humano na perspectiva das Teorias Críticas, composto pelos alunos mestrands e doutorandos do NUTES e de Iniciação Científica orientados pela professora coordenadora. Superada essa etapa, conseguimos reabrir a biblioteca mesmo que de forma escassa, mas de uma maneira que tornou possível seu funcionamento e com os materiais e o espaço que tínhamos a disposição. Perante isso, as atividades começaram e a frequência dos alunos também. Referente a este estudo, os resultados que serão apresentados a seguir são concernentes aos aspectos relacionados com o papel dos educadores no processo, que caracterizamos como sendo a ação externa sobre os sujeitos da pesquisa, compreendendo a minha ação enquanto bibliotecária pesquisadora e dos professores e professoras.

A primeira categoria é (1) *Estratégias de atuação pela bibliotecária pesquisadora*, que ocorreram para a preparação e planejamento da aula e durante a aula em conjunto com o (as) professor (as). Desde o início da pesquisa, a mesma estava compenetrada em buscar parcerias com os (as) professores (as) e participou de reuniões, frequentava a sala dos professores e tentava iniciar uma conversa pelos corredores ou quando algum deles ia à biblioteca, no intuito de falar da proposta da pesquisa e da sua disposição em apoiar e preparar aulas diferenciadas com o uso da literatura no espaço da biblioteca. Uma professora de português aceitou e os trabalhos começaram no início do primeiro bimestre. Logo após, um professor de ciências também propôs parceria e, mais ao final do primeiro semestre, uma professora de história. A atuação da pesquisadora nesses casos se dava da seguinte maneira: após conversarem, ela se propunha a fazer um

planejamento das aulas e atividades com base nas necessidades dos professores e dos conteúdos curriculares e os enviava via *email* para apreciação e ajustes por parte dos professores. Também, mantinham contato via mensagem por aplicativo de celular e, com a aprovação do planejamento, davam-se início aos trabalhos. Algumas vezes, foi preciso alguns ajustes no decorrer das semanas, tanto para adequarem ao tempo de execução e ao quantitativo de aulas, bem como à receptividade e anseios dos alunos. Portanto, uma das atribuições da pesquisadora era encontrar livros no acervo da escola, como forma de introduzir e articular a literatura aos conteúdos, para realizarem as atividades e se preparar para levar outras fontes de informações, em outros suportes, como charges ou jornais, por exemplo, quando estes não faziam parte do acervo, e deixar a sala organizada para receber as turmas. Na primeira aula na biblioteca, ela tomava o cuidado de explicar aos alunos sobre a importância, função e funcionamento da biblioteca, que era preciso fazer silêncio para não atrapalhar os que queriam estudar ou ler, falava sobre o acervo, os dias da semana que estava funcionando e sobre o projeto. Durante as aulas, ela auxiliava os professores em distribuir e recolher os materiais e livros que foram utilizados, e em responder as dúvidas dos alunos e dar sugestões, procurando motivá-los.

A sua atuação também ocorreu em outros momentos que não eram durante as aulas. Já no primeiro dia em campo, juntamente com outros componentes do grupo de pesquisa, trabalharam para reabrir a biblioteca, o que envolveu, a organização do acervo, principalmente. Para tanto, optou-se por criarem uma nova classificação de assuntos que atendesse as necessidades dos usuários daquela escola, com base no acervo existente, classificação esta que foi uma adaptação das técnicas bibliotecárias, mesmo porque a biblioteca não dispunha de recursos computacionais, como *hardware* e *software* que possibilitassem o controle e a catalogação e indexação do acervo, o que facilitaria, inclusive, o serviço de empréstimo e a busca dos títulos. Dessa forma, ambos foram realizados manualmente. Ainda quanto aos trabalhos de reabertura do espaço, foi preciso arrumar os livros didáticos que estavam depositados lá, bem como fazer a retirada de entulhos, descarte de livros danificados e limpeza do local. Auxiliou os alunos a encontrarem títulos de livros, bem como sugeriu alguns. Tentava fazer a articulação com a realidade deles ou para a importância dos estudos e do hábito da leitura a partir de uma conversa, de uma situação ou de um assunto nos livros. Longe de reconhecer que o conhecimento não é produzido “unicamente nas cabeças dos peritos, dos especialistas em currículos, dos administradores escolares e dos professores”, ele é um ato relacional, exigindo que o educador (a) seja “sensível às atuais condições históricas, sociais e culturais que contribuem para as formas de conhecimento e de significado que os alunos trazem para a escola” (FREIRE; MACEDO, 2011, p. 56-57). Dessa forma, uma formação crítica reconhece a individualidade de cada um “como parte de um projeto moral e político que vincula a produção do significado à possibilidade da ação humana, da comunidade democrática e da ação social transformadora”. (FREIRE; MACEDO, 2011, p. 58). Ela deve fazer uma “articulação de uma moralidade que postule uma linguagem da vida pública, de comunidade emancipadora e do comprometimento individual e social”, na qual os alunos são levados a “pensar a respeito de como a vida em comunidade deve ser construída em torno de um projeto do possível” (FREIRE; MACEDO, 2011, p. 67).

A todo instante, teve a preocupação de cumprimentar e se despedir dos alunos, iniciava uma conversa e dava atenção para que se sentissem bem-vindos e importantes. E, quando tinha que os advertir por algum mal comportamento, tentava dizer “com jeitinho”, pois, acreditava que se ela fosse ríspida, poderia prejudicar o retorno desses alunos à biblioteca. Assim, do início ao fim, o foco da sua atuação ficou concentrado em fazer com que os alunos se sentissem motivados a frequentar a biblioteca, tomassem gosto pela leitura e pelos estudos e que tivessem brilho no olhar, visando à sua formação cidadã de forma democrática e que a escola e a biblioteca cumprissem um papel imprescindível nesse processo. Afinal, a biblioteca, antes de tudo é um local democrático e coletivo e, por isso, as atividades, serviços e materiais ali presentes estão intrinsecamente ligados ao seu processo de formação, pois, de acordo com Freire (1989), não estamos só no mundo. “Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1989, p. 17). Também, na concepção de Marcuse (1973), se considerarmos o individual em detrimento do coletivo, estaríamos alimentando a ideologia do sistema capitalista e favorecendo a manutenção das injustiças e da massacrante realidade dos sujeitos da pesquisa.

As (2) *Estratégias de atuação pelos professores* é a segunda categoria e se refere às ações e procedimentos adotados pelo (as) professor (as), principalmente, por aqueles que colaboraram com a pesquisa. A observação da ação desses sujeitos não foi com a intenção de julgá-los, pois, esse não era esse o foco desta pesquisa. O que buscamos foi o seu apoio no sentido de propormos uma experiência mediante a articulação da literatura e do espaço da biblioteca com o conteúdo formal trabalhado em sala de aula. Todavia, embora o convite de parceria aos professores tenha sido largamente divulgado, somente três professores, uma de história, uma de português e um de ciências, aceitaram e seguiram a programação do planejamento, o qual foi produzido em conjunto, levando-se em conta a realidade, o contexto e a necessidade da escola e dos alunos. Todavia, registramos que mais quatro professoras levaram turmas até lá, porém, foram aulas eventuais e sem um planejamento prévio, mas, totalmente válidas, uma vez que nossa proposta foi tornar aquele espaço e o seu acervo como mais uma alternativa pedagógica disponível e viável e que tivesse mais visibilidade. O que podemos afirmar de antemão é que os professores parceiros tiveram a sensibilidade e disposição para utilizar estratégias didáticas diferenciadas em suas aulas, saindo de uma educação tradicional, uma vez que estimulavam os alunos a refletir e questionar, “em vez de reforçar as repetições puramente mecânicas de frases e de listas de fatos ou acontecimentos” (FREIRE; MACEDO, 2011, p. 94). O registro de uma dessas aulas pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 - Atividade de sala de aula realizada na biblioteca



Fonte: Acervo das autoras.

Destarte, observamos que todos os professores se mostraram solícitos aos planejamentos, fazendo questão da participação da pesquisadora durante as aulas e a deixaram à vontade para explicar as atividades e auxiliar no que fosse preciso para o desenvolvimento das mesmas. Também, davam atenção às necessidades dos alunos, auxiliando-os em suas dificuldades, ouvindo suas sugestões e tirando suas dúvidas, com total imparcialidade. Deixavam os alunos à vontade para formarem os grupos e escolherem o tema ou os livros, quando utilizados, sempre preocupados com a autonomia dos alunos e com sua a apropriação dos conteúdos. Registramos um fato interessante da atitude de uma professora durante uma reunião de Centro de Estudos (CE) que, ao saber de nós sobre a impossibilidade de buscarmos no acervo da biblioteca determinados livros sugeridos nas cartilhas pelo fato dos livros não estarem catalogados ou da inexistência de um sistema de busca informatizado, ela sugeriu aos outros professores presentes em fazer uma espécie de mutirão para catalogar e organizar melhor a biblioteca, solicitando a ajuda de alguns professores. Mas essa iniciativa nunca foi adiante.

A terceira categoria é (3) *Motivação para a leitura*, suscitada tanto pela pesquisadora enquanto bibliotecária como por parte dos professores. No meu caso dela, a cada novo estudante que entrava na biblioteca ela perguntava se gostava de ler e os incentivava a pegar um livro para ler, perguntando o assunto que mais gostava e o ajudava mostrando as classificações nas estantes ou até mesmo procurando junto com eles. Tentava aproveitar cada oportunidade que surgia para motivar a leitura, como, por exemplo, quando ela achava um novo livro na estante, procurava se lembrar de algum aluno que se interessaria e o mostrava depois, ou caso não lembrasse de alguém, o mostrava para algum aluno que pedisse uma sugestão. Nesse ínterim, buscou instigar a curiosidade como um dos pilares da produção do conhecimento, como já diziam Freire e Macedo (2011).

Quando algum aluno pedia para jogar com ele, ela aproveitava essa oportunidade e os fazia ler as regras ou as fichas dos jogos e por diversas vezes, constatou dificuldades de leitura e ia tentando ajudá-los e corrigindo seus erros. Foi uma maneira lúdica que encontrou para motivar a leitura. Acerca disso, apontamos o fato ocorrido com uma aluna de uns 8 anos que fazia parte do grupo que voltava as terças à tarde no contra turno. Ela insistiu para que a pesquisadora jogasse o jogo da memória com ela. Antes, a pesquisadora sugeriu juntarem todas as peças para ver se faltavam algumas e nesse exercício, a colocava para ler os nomes dos objetos nos cartões. Sua maior dificuldade foi ler a palavra cobra, por causa do encontro consonantal br. Então, deu o exemplo do nome próprio Brasil, perguntando qual era o nome do nosso país e para sua surpresa, ela não sabia. Foi ajudando-a a raciocinar, lembrando dos momentos de copa de futebol, as cores verde e amarelo, para qual time nós torcemos e ela dizia Rio de Janeiro, até que, por fim, ela respondeu Brasil. Daí fez a ligação dizendo que da mesma forma que se escreve Brasil, se escreve cobra. E, ela saiu da biblioteca repetindo isso. Com esse grupo, inclusive, ela exercitava com um deles a leitura, deixando que ele escolhesse um livro ou ela mesma buscava títulos interessantes, como, por exemplo, livro de adivinhações ou trava-língua, para tornar aquele momento prazeroso e convidativo. Inicialmente as dificuldades de leitura eram enormes, mas ele nunca se negou a ler para e com ela, tanto que, o seu desenvolvimento foi nítido, pois tinha muita dificuldade com algumas sílabas formadas com a letra g que ele confundia com j e da junção com o h. Ela não perdia a oportunidade de

sempre elogiar os alunos pelos esforços e os incentivava a continuarem para lerem cada vez melhor.

No caso dos professores, foi observado que eles se preocupavam em fazer atividades que exigisse dos alunos a leitura de livros e revistas. Por isso, a roda de leitura ocorreu com frequência e os alunos gostavam. Uma atividade interessante ocorreu com uma professora de português que decidiu fazer o teste oral de leitura com os alunos de uma turma do sexto ano na biblioteca a partir de livros escolhidos pelos próprios alunos. Após finalizarem a leitura silenciosa e individual, ela os chamava um a um para se sentarem ao seu lado e pedia para eles lerem apenas um trecho. Nos chamou a atenção o fato de que, quando eles começavam a ler, não liam o título e então ela fechava o livro e pedia para eles lerem, reforçando a importância de estarem atentos ao tema ou assunto que estavam lendo, começando o livro pelo início. Consideramos muito válidas essas experiências, pois, são uma exceção à regra tendo em vista que pesquisas mostram que as bibliotecas escolares, que seriam um instrumento de mediação ao hábito da leitura, são, todavia, muito pouco utilizadas e tem caído cada vez mais em desuso, seja pelos alunos, seja pelos próprios professores que acabam por não indicarem livros aos alunos. Uma dessas pesquisas é a Retratos da Leitura no Brasil (CANÔNICA, 2016) que mostrou que 18% dos professores não indicam livros. Pode parecer um número baixo, mas não é, se considerarmos o professor como um incentivador fundamental para a leitura. Então, é preciso que estes também sejam “leitores para compartilhar e indicar suas aventuras pela ficção com os alunos das escolas e das universidades” (CANÔNICA, 2016, p. 82). O fato também de termos recebido o apoio por parte de 3 (três) professores de áreas distintas na pesquisa, bem como de outros que a frequentaram esporadicamente, mas com o intuito de levarem os alunos para fazerem atividades de leitura é um dado inédito e que consolidou a importância e a existência da biblioteca como extensão da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, cuja proposta foi a realização de mediações pedagógicas utilizadas por professores e a bibliotecária no espaço da biblioteca de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro nos permitiu observar que a biblioteca se apresenta como local distintivo na promoção da articulação dos conteúdos trabalhados em sala de aula do ensino fundamental visando a realização de experiências educativas, estimuladas pela leitura de obras literárias dos mais diversos gêneros e da produção de textos e atividades realizadas pelos alunos, que contribuem para a construção do conhecimento científico num contexto de vulnerabilidade social e, assim, poder contribuir também para uma educação emancipadora.

Apesar de existirem muitos obstáculos e fragilidades, o fato de oportunizar ao aluno um local propício ao favorecimento do hábito de leitura como apropriação do mundo, hábito este tão importante, mas cada vez mais em desuso, a biblioteca se mostra como uma alternativa pedagógica para educadores que querem sair do ensino tradicional e não querem ficar limitados à sala de aula. Ela se apresenta, dentro da escola, como uma oportunidade para o desenvolvimento de práticas e atividades que possibilitem pôr em prática maneiras diferenciadas de favorecer o pensamento reflexivo, crítico e revolucionário.

O fato dessa experiência ter contado com o reforço de uma bibliotecária demonstra o quão essencial é este profissional para a escola no sentido de colaborar para a educação de modo geral, para os professores em suas práticas e articulações e, em especial, para os alunos na sua formação. Demonstra também que os resultados serão mais bem-sucedidos se ambos, professores e bibliotecários, trabalharem em conjunto e nunca desconsiderarem a realidade e o contexto à sua volta que, se introduzidos nas atividades e discussões, mais instigados os alunos se sentirão em participar das aulas e se apropriar do conhecimento tão necessário à sua vida e formação.

Portanto, como dissemos, este estudo, no qual apresentamos alguns dados referentes à ação dos educadores sobre os alunos, faz parte de uma pesquisa mais abrangente que ainda está em andamento. Embora haja outras questões e aspectos que os relatos revelaram, os quais serão objeto de análises futuras e poderão complementar a pesquisa como um todo, este estudo em especial, pôde nos dar evidências que corroboraram que as mediações pedagógicas promovidas pela biblioteca e lá produzidas podem contribuir para um ensino mais crítico e democrático, que se torna um diferencial no sentido de oportunizar atividades de sala de aula de uma maneira mais lúdica, participativa e atrativa.

Pedagogical mediations in a public school library of Manginhos

ABSTRACT

This study focused on the pedagogical mediations used by teachers from different areas and the librarian in the library space of a public school in the city of Rio de Janeiro and articulates the challenge of motivating and attracting the student to what is taught in class and to encourage teachers to put in practice techniques and tools differentiated from everyday life to motivate their students. In this context, we seek to analyze if this space presents itself as a potential of articulation of the contents worked in the classroom, of elementary education and the possibilities to build experiences of learning of scientific knowledge in the context of social vulnerability and, thus, to be able to contribute to an emancipatory education. The mediations in the library used the collection and space available in the school, stimulated by the reading of literary works of the most diverse genres and the production of texts and activities carried out by the students. It is a study that is characterized as a qualitative research, of the type research-formation or participant, with the use of field diary obtained through the observations of the activities carried out in the library during the year 2017. Through preliminary results, we can synthesize that the library presents itself as a place of excellence within the school, whether for study, as a place of cultural action or potential space for teachers to use in their pedagogical practices, as an extension of the classroom, although there are weaknesses and obstacles.

KEYWORDS: Public School Library. Education (Study and teaching). Mediation.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. 1947. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1947.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIAS (Brasil). **Relatório anual de atividades**. Rio de Janeiro, RJ: ABC, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 19 ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica; Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Lei n 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 25 mai. 2010. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm>. Acesso em: 16 nov. 2017.

_____. **O PNE 2011-2020**: metas e estratégias. Ministério da Educação. Brasília, DF: MEC, 2010a. Disponível em:<http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf>. Acesso em: 04 maio 2018.

CALDIN, C. F. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 163-168, jan./dez., 2005. Disponível: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/431/549>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

CANÔNICA, V. A biblioteca, um barulho necessário de dentro para fora. In: FAILLA, Z. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2016. p. 74-82.

CORTELLA, M. S. **Como encantar leitores para que gostem de ler pela vida afora**. In: CONGRESSO NACIONAL DE LEITURA, 1., São Paulo, 2016. [Palestra proferida].

CUNHA, M. V. da. O papel social do bibliotecário. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia**. Ciência da Informação, Florianópolis, n. 15, 1. sem. 2003. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2003v8n15p41/5234>>. Acesso em 02 mar. 2014.

DESEQUILIBRIOS. **La quema de libros**: breve historia. 2015. Disponível em:<<http://desequilibros.blogspot.com.br/2013/09/la-quema-de-libros-breve-historia.html#.WgzZ-tKnHIW>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

DETRAS DE LA BIBLIOTECA. **Breve historia de bibliotecas quemadas y censuradas**. 2016. Disponível em:<<https://detrasdelabiblioteca.blogspot.com.br/2016/01/breve-historia-de-bibliotecas-quemadas.html%202016>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

FAILLA, Z. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2016.

FERNANDES, T. M. COSTA, R. G. R. As comunidades de Manguinhos na história das favelas no Rio de Janeiro. **Revista Tempo**, v. 19, n. 34, jan./jun. 2013, p. 117-133.

FONSECA, E. N. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo, SP: Pioneira, 1992.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo, SP: Cortez Autores Associados, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011.

GLOBO.COM. **Lei que prevê biblioteca em cada escola está longe de ser cumprida**. 2017. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6245421/#GLOBOPLAY-LATERAL-NOTICIAS-item-sel-9,rec-coldstart-section,37057390849>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1973.

MILANESI, L. A. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

PALCHA, L. S.; OLIVEIRA, O. B. de. A evolução do ovo: quando leitura e literatura se encontram no ensino de ciências. **Ensaio Pesquisa Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 101-114, jan./abr. 2014.

PIASSI, L. P. C. **Contatos**: a ficção científica no ensino de ciências em um contexto sócio cultural. 2007. 462 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.

SANTA ANNA, J. O bibliotecário em face das transformações sociais: de guardião a um profissional desinstitucionalizado. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 138-157, jan./abr., 2015.

SANTOS, F. R. **Detetive ou cientista?** A literatura policial infanto-juvenil como recurso didático na educação em ciências. 2013. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências, Universidade de São Paulo, 2013.

SILOCHI, J. **Aproximações entre literatura e ciência:** um estudo sobre os motivos para utilizar textos literários no ensino de ciências. 2014, 260 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SILVA, E. T. da. **Leitura & realidade brasileira.** 2. ed. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1985.

TRINDADE, C. P. da. Política pública e o direito à cidade em Manguinhos, Zona Norte do Rio de Janeiro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais...** Natal, RN: SNH, 2013. Disponível em:<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371340784_ARQUIVO_ClaudiaTrindadeAnpuh2013.pdf>. Acesso em 21 jun. 2016.

VERMELHO, S. C.; AREU, G. I. P. Estado da arte da área de educação & comunicação em periódicos brasileiros. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 93, p. 1413–1434, 2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000400018&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 25 maio 2014.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura.** Curitiba, PR: Ibpex, 2010.

Recebido: 24 maio 2018.

Aprovado: 24 out. 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/etr.v2n2.8320>.

Como citar:

PINTO, S. L.; VERMELHO, S. C. Mediações pedagógicas em uma biblioteca pública escolar de Manguinhos. **Ens. Tecnol. R.**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 163-180, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/8320>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Sabrine Lino Pinto
Avenida Anísio Fernandes Coelho, n. 325, apt. 206, Jardim da Penha, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

